



Peregrinação de Janeiro, 13

A baixa temperatura que se mantinha havia já alguns dias no planalto da Fátima, acompanhada duma aragem desabrida que enregelava, e a nevada que caiu no dia 12, fenómeno raríssimo naquela latitude, impediram que a peregrinação mensal de Janeiro ao Santuário das Aparições fosse mais concorrida.

O sol chegou a aparecer de manhã a descoberto, mas, depois, as nuvens toldaram por completo o firmamento durante todo o dia.

Os doentes inscritos para receberem a bênção no recinto reservado eram em número pouco superior a uma dezena.

Os confesionários estiveram sempre ocupados, mas, apesar disso, os fiéis que desejavam receber o sacramento da Penitência e que eram muito numerosos não puderam confessar-se todos.

Os actos religiosos efectuaram-se na forma do costume, com muita piedade e recolhimento.

Celebrou a missa dos doentes o actual pároco da freguesia da Marinha Grande, rev.º P.º Higinio Lopes Ferreira Duarte que

(Continua na 2.ª página)

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos / Empresa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis

VOZ DE PORTUGAL VOZ DA FÁTIMA

Saúdemos a alvorada do ano da graça de 1940, com esta solemne afirmação: a voz de Portugal de hoje é a da promessa da Fátima em 1917. Ano dos Centenários, ano de alegrias e de trabalhos afanosos... Ano de comemorações festivas e de paradas culturais, os sinos chamam para a devoção. Historiadores e artistas, realizadores e estudiosos aprestam-se e vão lidar.

Torneios... Jogos florais... Cor-tejos... Exposições... Em breve e de-pressa serão chegados os figurantes da Grande Epopeia portuguesa.

Guia-os a todos a voz de Camões a cantar o valor heróico da Raça, e, a chorar «a sua apagada e vil tristeza» que impede por vezes a realização de maiores feitos a louvar.

Guia-os a todos a voz sagrada dos versos de Camões...

O mundo em guerra, vai volver os olhos para este oásis florido cheio de paz e de sol.

Aldeias engalanadas ouvirão tocar sem descansa e em todos os tons, os sinos dos seus campanários...

E nas cidades a mocidade marchará perante os veltos enternecidos para a Era de engrandecimento que a todos faz clamar a mesma fé no futuro:

«Portugal! Portugal! Portugal!...»

... ..

E Portugal que diz?

Em 1917 ao acordar do seu torpor sonâmbulo e combalido, Portugal repetiu apenas com dificuldade: «Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido».

A voz imperiosa e doce que lhe disse «Surge et ambula» — Levanta-te e anda! — foi a mesma que aconselhou aos pastores videntes: «Rezai, rezai muito e fazei sacrificios pelos pecadores...»

Portugal ressurgido fez suas as

por BERTA LEITE

palavras da Virgem Santa.

Quem poderá jamais ouvi-las que não as escute para o resto da vida?

Quem poderá escutá-las alguma vez que deixe de as ouvir?

A voz da Mãe de Jesus foi como prelúdio de divina alegria — torrente de perfeita harmonia a acarinhar Portugal de claridades e bênçãos...

E Portugal que diz?

... ..

Portugal faz apelo à mulher pelo exemplo de Maria Santíssima.

«Mulher do campo, dissemos algures, mulher do mar, mulher da serra ou da seara dourada, mulher da campina em flor, do palácio ou do claustro, cantando e rezando de sol a sol, simples, sincera e portuguesa de alma e coração, dize: onde está a felicidade? interrogam-te as tuas irmãs dos outros países civilizados...»

Responde-lhes e guia-as com a incontestável autoridade da tua doce fé no amor, e, sobretudo, com o teu enternecedor amor à fé.

Eis o que diz também Portugal.

Escutal-o bem. Escutemo-lo todas. E dora-avante ensinemos à mulher que esqueceu o que deve à religião cristã, como em qualquer outro país se pode dignificar a consciência feminina, encaminhando para a Sagrada Eucaristia todos os membros da família.

Eis como a mulher portuguesa poderá levantar o nível moral do mundo decaído pela Voz de Portugal que é a Voz da Fátima:

«Aos pastores a Virgem Maria quis rasgar dos mistérios o véu, e hoje em Fátima a Cova da Iria é um lindo cantinho do Céu».



FÁTIMA — 13 DE OUTUBRO DE 1939

Durante a Santa Missa celebrada por Monsenhor Ryan Arcebispo de Gabula, Coadjutor do Senhor Arcebispo de Port of Spain, cujo livro Our Lady of Fátima — Nossa Senhora da Fátima — acaba de obter, na Irlanda, um retumbante êxito de livreria, na primeira edição já esgotada.

UM SÍMBOLO E UM EXEMPLO

Na Sua bandeira, que a pureza da vida tornava mais branca e o sol das batalhas nimbava de glória, mandara Nun'Álvares pintar a imagem de Nossa Senhora.

Com ela, se partia contente ao meio da refrega, e nunca ninguém o viu voltar as costas ao inimigo.

Com ela, voltava carregado de novos loiros alegremente transformados nas filiais homenagens que lhe prestava.

São Jorge, Vila Viçosa, Santa Maria de Ceissa e o Convento do Carmo em Lisboa são outros tantos padrões da sua devoção à Mãe de Deus.

Nesta hora, em que Portugal se levanta aos tempos de Nun'Álvares, a Virgem vem, na Fátima, em pessoa, sagrar a Pátria Portuguesa.

Se Portugal se projecta hoje no mundo num recorte de imorredora luz, deve-o a Nossa Senhora da Fátima que o ergue e apoia com carinho de mãe.

É dever nosso dar-lhe, em cada lar, um cantinho onde a sua imagem receba o nosso preito de amor, fazer que cada família portuguesa se lhe consagre.

Como Nun'Álvares, cada lar de Portugal deve ser, ou tornar-se neste ano centenário, um porta-bandeira da devoção a Maria Santíssima, Mãe de Deus, nossa Mãe e Rainha de Portugal.

Está dada a palavra de ordem a todos os devotos de Maria, para este ano dos centenários: promover a consagração das famílias portuguesas a Nossa Senhora da Fátima.

Nota — Ver o cerimonial no número de Janeiro da Voz da Fátima.

PALAVRAS MANSAS

C. A. D. C.

Conta Eça de Queiroz, como elle sabe contar, que, no seu tempo de Coimbra, ao atravessar de noite e lentamente o Largo da Feira, viu no patamar da Sé Nova, alguém, de capa ao vento, a declamar enfaticamente a rapazes, que, sentados aqui e ali nos degraus da larga escaleira, o ouviam com aquela atenção profunda e absorvente que transforma os companheiros em fervorosos discípulos.

Eça de Queiroz trazia na mão uma lição litografada, fria como a neve e pesada como o chumbo, para dar uma prova a mais de estudante pendular, de músico afinado, como lá se dizia então. Mas não resistiu à tentação de torcer logo o seu caminho, para se abeirar do estranho grupo que, num cenário antigo, estilizado pela noite, procurava talvez descobrir novas afinidades das estrélas com as ideias...

Ainda não tinha dado neste sentido muitos passos, quando reconheceu Antero do Quental, que banhado de luar e fremente de inspiração, improvisava versos irreverentes e sinteses filosóficas... Eça de Queiroz confessa que, sem um momento de hesitação, foi sentar-se humildemente entre os discípulos. Para elle, como para os outros, Antero, com todas as suas dúvidas, todas as suas audácias e todos os seus desalentos, era o mestre, o santo, o vidente...

Quem eram elles? Pouco importam os nomes. Faziam todos um curso de critica mordente, de insubmissão sistemática, de desdém pretensioso pelas crenças e tradições, que imprimiam carácter à alma do seu país. Como objectivo supremo, demolir, demolir sempre, para desobstruir o caminho da perfectibilidade humana, latente e indefinida...

Só o culto da deusa razão era legítimo; só a liberdade sem fé emancipava. Pensar e agir sem romper inteiramente com as inspirações e os moldes do passado era investir com as luzes do século, era reaccionário.

Este romantismo revolucionário, desgraçadamente, não se quedou por Coimbra, sempre de capa e batina. Foi logo depois, na tribuna e na imprensa, propaganda ousada, insistente e aliciadora por todo este país. Que ilusões, que erros, que venenos, que ruínas! Como na hora grave que passo, cai sombriamente sobre a alma dos filhos o doutrinarismo orgulhoso e imprevidente dos pais!

Geração que se transviou porque quis. Deus não suscitou um profeta para a conter e regar. Mas permitiu que Ayres de Gouveia, professor e antigo ministro, no púlpito de Coimbra, lhe dissesse verdades tremendas, com um desassombro e uma coragem moral, que no dizer de Camilo, excedem o que, no género, há de mais impressionante na oratória do P.º António Vieira.

Geração brilhante?... Talvez... Há quem se contente com isso, que, no juízo da posteridade é, às vezes, como agora, uma agravante...

Na nossa noite de semana santa não se via ninguém a declamar versos e theorias no patamar da Sé Nova. Notava-se apenas que do pesado edificio de linhas monumentais se desprendia uma queixa, que era, no mesmo tempo, de melancolia e abandono. Foram-se os apóstolos e vieram os demolidores...

O Menezes Cordeiro falou-me sobre a paisagem moral de Coimbra, que conhecia muito melhor do que eu, porque transitara para Direito, findo o terceiro anno da faculdade, de Teologia.

Os professores, com raras excepções, ensinavam direito, medicina, matemática, filosofia e... liberalismo.

A Igreja era para elles uma instituição singularmente suspeita. Só a não tinham na capela da Universidade, onde tinham em todas as festas luggres de honra.

Os rapazes eram levianos, superficialis, irreflectidos. Nem religiosos nem anti-religiosos: indifferentes. Os que ainda tinham a sentir-se iam di-

minuidos dizendo abertamente o seu credo.

Quantas mãis a rezarem por filhos, que já não rezavam com ellas!

A mentalidade destes rapazes, acentuadamente liberalista, era formada mais pelo ambiente do que pelo estudo, que, no dizer dum deles, era a única tortura que esqueceu à Inquisição.

Liam Junqueiro, Eça, Fialho e os franceses que tinham mais afinidades com elles. Todo o saber estava aí.

Dentro da orgânica do ensino official, de marca napoleónica, faziam cursos de preparação para determinadas carreiras, em que poderiam entrar, sendo amanhã regeneradores ou progressistas ou republicanos. Não tinham, pois, antipatia nenhuma pela politica rivalidade, competição e arranjo...

Fora da faculdade de Teologia, ninguém lia nem citava as encíclicas de Leão XIII, pontífice genial, maior do que o seu século. Só a *Reserum Novarum* gozava de algum renome por ter sido impugnada, em plena sala dos capelos, por Afonso Costa, que pretendia uma cátedra, dizendo abertamente quem era e para onde ia...

A pátria era um velho lugar comum de políticos e de retóricos. Até já havia quem se dissesse sem pátria...

Troças agressivas, jogos deprimentes, ceias a deshoras, passeios desviados... Levandade e boémia.

Que fazer, pois?... Reagir contra esta desorientação, contra este abastardamento. Dizer alto aos rapazes que a Igreja e a Pátria eram para todos as realidades vitais e salvadoras. Mostrar-lhes que a mocidade atraiçoa o seu dever, quando se não prepara com amor para servir nobremente os interesses do país. Fazer-lhes ver que nos espera um futuro tenebroso se não formos com Leão XIII resgatar os proletários da sua miséria imerecida. A todos importa levar de Coimbra alguma coisa mais do que saúde derrotista da balada do 5.º anno.

Para Menezes Cordeiro, habituado a lutar, a abrir caminho, reagir o mesmo era que vencer.

Terminei por dizer-lhe que podia contar comigo.

Quando, enfim, nos separámos, illuminava-nos já a alma toda a visão do C. A. D. C., tendo por fundo as estrélas do céu e a frontaria monumental da Sé Nova... Foi ali, no Largo da Feira, a primeira sessão preparatória.

Correia Pinto

AOS 83 ANOS AINDA DESAFIA O REUMATISMO

Após ter sofrido dores horríveis durante anos

O reumatismo atacou esta velhinha em 1931, espalhando-se, gradualmente, a partir dos braços, até lhe atingir todas as partes do corpo, pelo que ficou entevada.

Começou por sentir dores tão violentas em ambos os braços, que não conseguia dormir, mas aumentaram ainda de intensidade e ficou com os dedos deformados. Depois foram atacados os joelhos e logo em seguida os tornozelos, pelo que ficou impossibilitada de se mover durante um longo período de tempo. Mas um dia, uma amiga, aconselhou-lhe os Sais Kruschen e em tão boa hora o fez, que bem de pressa a pobre velhinha afirmava não haver nada melhor para o seu mal, pois rapidamente voltou a adquirir todos os seus movimentos.

As dores reumáticas são causadas pela acumulação dos cristais de ácido úrico, nas articulações e nos músculos sob a forma de pontas acedadas. Os Sais Kruschen estimulando os rins e o fígado a uma actividade salutar, auxiliam estes órgãos a expellirem o excesso de ácido úrico, causa de todos os sofrimentos. Kruschen vende-se em todas as farmácias.

Tempo de salvação

Estamos em plena Quaresma: é bom não a deixar passar sem uma pequena reflexão.

— O que é a Quaresma?

— Um tempo de oração, jejum e abstinência, como preparação para a grande festa da Páscoa da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Não admira, pois, que a Santa Igreja nos convide a despertar do torpor duma vida cômoda e mole para tratar a sério da nossa salvação. Prouvera a Deus que, ao menos nesta conturbada hora que o mundo passa, a voz da Igreja fosse ouvida e seguida.

É tempo de oração. A flor da piedade hodierna não se contenta com qualquer praticazinha de piedade, quer o melhor. Nas nossas igrejas vêm-se na mão dos fiéis muitos missais. Afinou-se o paladar e saboreia-se a refeição suculenta da Santa Missa. Aos gulosos das coisas de Deus lembro a Missa durante a Quaresma inteira. O texto da Epístola e o do Evangelho que vai variando de dia para dia oferecem esplendidos assuntos para meditação.

A Via-Sacra porá um belo remate ao dia de piedade. Do terço já se supõe que ninguém o deixa de rezar.

Tempo de Jejum. Jejum por mortificação e penitência. E justo que no corpo, causa de tanto pecado, o homem encontre o instrumento dócil da sua santificação e cooperador da expiação pelas ofensas feitas a Deus. Pelo jejum, a alma melhor domina a matéria e eleva-se à contemplação das coisas Divinas, torna-se a inteligência mais viva e a vontade adquire a força e perseverança — alicerce de toda a obra grande. Jejuar-se se o médico manda, ou se o interesse dum lucro notável o exige; jejuar-se por moda e por vaidade. Porque se não há-de jejuar se a Igreja o manda por amor de Deus e nosso bem?

Tempo de abstinência. Em certos dias (Quartas, Sextas e Sábados para quem não tem os indultos. — Só as Sextas para quem os tem) proibe a Santa Igreja o uso da carne ou comida de carne a quem tem boa saúde e 7 anos de idade.

Entre os dois extremos: só vegetais ou o máximo de carne, a Igreja Católica admite o uso legítimo de carne a que por penitência põe certos limites. Guardemo-lhos fielmente.

Os antigos jejuavam todos os dias e passavam a Quaresma sem comer carne e não deixavam, por isso, de ter óptima saúde. Nos hotéis e pensões peçamos comida de magro nos dias próprios. E se o não fizemos ainda, munamo-nos dos Indultos Pontíficos.

Tempo de preparação para a Páscoa. Pela confissão e comunhão. Ao menos uma vez cada ano é-se obrigado a receber o Sacramento da Penitência e a Sagrada Comunhão pela Páscoa. Para cumprir o segundo preceito basta que se comungue dentro da Quaresma até ao Domingo de Pascoela. Indo a principio é-se mais bem servido e mais de pressa.

Não guardemos para o fim. É feio ser egoísta. A maneira que nos formos confessando façamos também que outros cumpram o preceito. Peçamos a Deus que nos ajude a vencer o respeito humano e que nos conceda a graça de nesta Quaresma os católicos receberem os sacramentos da Penitência e da Eucaristia com as melhores disposições.

Se diz missa

Com vinho ordinário, é porque quer. Vinho óptimo, tipo comum e doce peça-o a

António de Oliveira
ALDEIA NOVA — NORTE

JACINTA

vida da pequenina vidente da Fátima de que já se venderam mais de 10.000 exemplares.

Leia-o, compre-o e ofereça-o.
Pelo correio 6\$00.

Pedidos ao Santuário da FATIMA ou à Gráfica de LEIRIA

Catolicismo e Protestantismo

O Protestantismo não tem Unidade, é vário. Falta-lhe também o verdadeiro carácter universalista designado por Cristo à sua Igreja, e que só o Catolicismo apresenta.

A sua falta de Unidade é confessada até por adeptos seus dos mais illustres: «Confessamo-lo sinceramente: a nossa igreja, assim como exteriormente aparece dividida em partes e particulas sem número, assim interiormente, nos seus princípios religiosos e nas suas crenças fundamentais, se mostra multiplicada e despedaçada...» afirmaram o célebre pregador evangélico P. M. Kempf e o escritor G. Wlrich.

Quanto à sua universalidade, a História diz nos que as diversas seitas reformadas, exceptuando uma ou duas mais importantes, não passam hoje, como no principio da pseudo-Reforma, dum produto local, estagnado nos países onde brotam. Ao nascer, os alicerces do Protestantismo foram meramente políticos. A nova religião foi aceite e imposta à força pelos príncipes daquele tempo, levados pela cobiça dos bens da Igreja, e com o propósito de se apoderarem, como aconteceu, do poder espiritual que, junto ao temporal, os tornava senhores absolutos das suas acções pessoais e dos bens e das consciências dos seus súbditos.

Ora, a organização da verdadeira Igreja cristã é necessariamente católica ou universal, e Una.

Estas prerogativas pertencem inteiramente à Igreja Católica. Os próprios protestantes não negam esta verdade e alguns dão leal testemunho dela. O pastor protestante, da seita Presbiteriana, dr. Gilbert Reid, no seu recente trabalho «Apreciação da Fé alheia» admira com entusiasmo: «a desigual organização da Igreja Católica, o seu alto ideal, o cuidado que lhe merece a alma, a atitude solene que caracteriza todos os seus actos, o cuidado em manter vivo o espírito de devoção, a sua dedicação em acudir às necessidades e mitigar as dores da Humanidade», etc. Fala assim, do clero e das religiosas: «os Filhos da Igreja Católica não recuam ante os mais custosos deveres e os mais perigosas situações». E refere-se, então, à universalidade do Catolicismo curvando-se ante o seu Chefe visível: «O Papa é, por certo, o maior soberano que existe; o seu poder estende-se a todos os países, a todas as raças; todos os homens são igualmente chamados seus filhos. Dêle, como chefe supremo, procede, em perfeita gradação hierárquica, toda a Família Católica, todo o poder e toda a organização da Igreja, desde a Corte Pontifícia, os cardeais, bispos, padres, etc. até ao mais humilde fiel. Qualquer que seja a sua côr ou nacionalidade, todos participam do mesmo Sacramento: da Missa.» E continua: «Deixando agora de parte os aspectos religiosos ou divinos da Igreja de Roma, é forçoso reconhecer que, entre todas as organizações humanas, formas de governo, sociedades e associações. ELA AVULTA COMO A ORGANIZAÇÃO MAIS COMPLETA E UNIDA. MAIS UNIVERSAL E EFICIENTE, QUE O MUNDO JAMAIS CONHECEU.»

É o belo e fiel retrato do Catolicismo. Só ele pode apresentar, ao fim de quasi dois mil annos, a sua sobrenatural Unidade brilhando numa larga universalidade; uma firme disciplina realçando uma verdadeira liberdade, e a mais inalterável fidelidade à doutrina do seu Fundador!

Universal, Una e Eterna, a Igreja forma um bloco compacto que, nem as convulsões sociais, o tempo, o morrer trágico das velhas idades, ou o nascer laborioso e confuso das novas eras, nada pode despedaçar ou fragmentar em si mesmo. Bem pelo contrário! Sobre todas as ruínas e dissipando mil confusões é que Ela se tem unido e a sua Luz tem brilhado!

Os ramos que desta Arvore saírem, se não voltarem a fundir-se no seu Todo Uno, ficarão inexoravelmente de fora. Nunca, como no Protestantismo, a qualquer parcela dissidente será licito dizer que, desobediente e separada de Roma, pertence à Igreja Católica. Os flancos deste Bloco, atacados por todas as más doutrinas e tiranias, não abrem brecha. A existência da Igreja não é senão um árduo e continuo combate. Que lutas, que sofrimento, mas que segurança e que luz! Sempre! Nas más épocas surgiam os grandes Santos e os luminosos Doutores.

Nunca as faltas de qualquer dos seus filhos, ainda o maior em categoria humana, desviaram ou desvirtuaram do Depósito da Fé a mais pequena parcela. A Igreja ensina a Verdade, e sempre a distingue sem vacilar. Assim, quando afirma, afirma definitivamente.

Não varia... logo, não erra! Não há fronteiras, nem raças que lhe detenham a marcha para a universalidade completa. A doutrina que prega não oscilla ao capricho deste ou daquele chefe, nem se curva aos gostos recentes de qualquer época. É imutável e Una, contudo, actual e progressiva.

Podem prevaricar filhos seus que ocupem, bem ou mal, postos de comando; por muito alto que tenham estado ou estejam, poderão ter caído ou vir a cair, atraçoados a sua missão. Esses passaram e hão de passar. A Igreja permanece. Mas, o que nunca lhes foi, nem jamais lhes será permitido pelo Espírito Santo, é diminuir ou deturpar a Verdade (confiada à Igreja e firmada nela sobre a promessa de Cristo) doutrinando sob o impulso de vis paixões, dividindo, abastardando a Fé, originando guerras, enfraquecendo a moral, e servindo de ponto de partida a mil heresias, e a utopias de negras consequências, como fizeram os heresiarcas da chamada Reforma Protestante.

Maria das Flores

Peregrinação de Janeiro, 13

(Continuação da 1.ª pag.)

comemorou assim o seu 30.º aniversário natalício. Foi também esse sacerdote que deu as bênçãos do costume aos doentes e à multidão dos fiéis.

Ao Evangelho subiu ao púlpito o rev. dr. José Galamba de Oliveira, assistente diocesano da J. C. de Leiria, que fez uma homilia sobre a imitação de Jesus Cristo, a exemplo de Nossa Senhora.

A Missa foi celebrada no altar erecto em frente da Igreja das confissões.

Realizaram-se as duas procissões com a Imagem de Nosso Senhor da Fátima que se venera na capela das aparições.

Eram duas horas da tarde quando terminaram as cerimónias religiosas officiais com a recitação da fórmula de consagração à SS. Virgem e o canto do «Adeus».

Visconde do Montelo

Este número foi visado pela Censura

Graças de N. S. da Fátima ESPIRITISMO

NO CONTINENTE

Manifestam seu agradecimento a Nossa Senhora da Fátima:

Francisco Cavaco — Montemor-o-Novo, pelo desaparecimento de um grave incómodo que atacou sua esposa no período da gravidez, tendo depois tudo corrido bem e com alegria para a família.

D. Teresa Mendes Albino — Portimão, pela cura de um seu filho de 10 meses, em grave perigo de vida por incómodos intestinais.

D. Maria Madalena de Sousa — S.ª Cruz do Bispo, por ter obtido a graça do desaparecimento de um quisto a uma criança que não podia ser operada, embora com grande necessidade disso.

D. Declinda Gaspar — Nevogilde — Pórtó, por ter alcançado para sua mãe a graça da cura do reumatismo que muitos sofrimentos lhe causou durante longo tempo.

Manuel Pereira Aquino — Alqueidão — V.ª N.ª de Ourém, por ter obtido, por intermédio de uma novena feita em família em honra de Nossa Senhora da Fátima, a conservação da sua vista, que quasi havia perdido, e que por falta de recursos não podia procurar na medicina.

D. Maria Luisa Mendonça C. Real — Coimbra, por ter alcançado uma graça particular.

D. Branca Osório do Amaral — Figueira da Foz, por ter recebido diversas graças de Nossa Senhora. «Dentre elas deseja destacar a cura de um grave sofrimento no estômago que a impedia de se alimentar. Rebelde aos medicamentos, desapareceu com a invocação a Nossa Senhora da Fátima e o uso da água do seu Santuário».

D. Margarida Laura da Silva — Covas do Douro, por ter obtido bom resultado numa operação perigosa a que teve de ser submetida, e cujo bom resultado atribui a Nossa Senhora da Fátima.

D. Maria Marques — S.ª Maria de Airão, pela cura de uma sua irmã em grave perigo de vida, na opinião de dois médicos que a trataram. Hoje, encontra-se bem.

D. Maria Romualdo Bento — Conceição de Tavira, por ter obtido a cura de seu filho que levava a caminho do médico, mas que, receando lhe morresse na viagem, trouxera para sua casa antes de chegar à do médico que distava 7 quilómetros. Com seus pedidos e promessas obtivera a sua cura.

José Gonçalves — Taboado — Guimarães, por ter obtido a cura duma doença na bexiga. Diz ter-se tratado com diversos médicos e ter estado 53 dias no Hospital da Misericórdia do Pórtó, mas só obtivera a cura quando, já em casa, se entregou à protecção de Nossa Senhora da Fátima.

D. Antónia Almeida — Pórtó, «por ter obtido da maternal protecção de Nossa Senhora da Fátima o bom êxito duma grave operação feita a uma sua amiga».

D. Arminda da Silva — Chaves, por uma graça particular que obteve da Misericordiosa bondade e poder de Nossa Senhora da Fátima que em seu favor invocou.

D. Margarida da Assunção — Vila da Feira, por uma graça espiritual em benefício da alma de seu marido.

D. Cecilia Castro Guimarães — Lisboa, por uma graça temporal conce-

dida a uma sua amiga que estava para ser operada.

Bernardo Nogueira dos Santos — Lagares — Penafiel, por uma graça concedida a uma criança: o desaparecimento de umas glândulas de origem linfática que tinha no pescoço.

João Lourenço — Lara, por lhe ter desaparecido do peito, contra o que lhe diziam, um abcesso sem que fôsse necessário sujeitar-se a uma operação.

D. Carolina Tórrés Carneiro Alves de Araújo agradece uma graça que deseja seja publicada.

D. Maria Baptista — Sobral do Monte Agraço, por uma graça particular.

D. Rosalina Marques de Oliveira — Praia de Espinho, pelo bom resultado de uma operação a que seu irmão teve de sujeitar-se e pela cura de seu pai.

D. Palmira Fisher — Figueira da Foz, por mais uma nova graça particular que diz ter-lhe sido concedida.

D. M.ª Juliana da Madre de Deus — R. Passos Manuel — Lisboa, diz o seguinte: — Um Cruzado da Fátima deseja que seja publicada, a seguinte graça: — «No dia 2 de Março, estando a preparar um peixe, senti a picada de uma espinha no dedo indicador da mão direita. Fiz uma ligeira desinfeccção e continuei os meus trabalhos domésticos. A tarde sai para assistir às conferências que se realizavam na igreja de Arroios, mas já sentia dores no dedo que começava a inchar. Numa farmácia aconselharam-me a fazer uso de pensos de borato. Assim fiz. No dia 13 fui à igreja do Socorro e junto do altar de Nossa Senhora da Fátima que se encontrava iluminado, pedi à Virgem Mãi que me aliviasse do meu sofrimento sem ser necessário recorrer à intervenção cirúrgica. Assim aconteceu! Às 9 horas da noite, na ocasião em que minha afilhada me ia colocar o penso, aparecia o bico de uma espinha que ainda se não tinha visto sendo imediatamente tirada sem que o dedo infeccionasse. Cheia de reconhecimento para com Nossa Senhora da Fátima a cuja intervenção atribuo esta graça, aqui deixo o meu agradecimento por mais este favor».

D. Maria Elisa Pacheco Magalhães Campos — Pórtó, diz: — «Estando um meu filhinho gravemente doente com uma bronco-pneumonia, e já com poucas esperanças de se salvar, voltei-me para Nossa Senhora, pedindo a sua cura, e prometendo, caso elle se salvasse, publicar esta graça e levá-lo à Fátima logo que pudesse fazer essa viagem. Graças a Nossa Senhora fui atendida, pois logo que tomou umas gotinhas de água do Santuário, as melhoras fizeram-se sentir. Está já livre de perigo, e eu atribuo a sua cura a Nossa Senhora da Fátima».

NOS AÇORES

D. Elvira Amaral — N.ª S.ª de Guadalupe — Açores, pela cura de seu irmão Manuel Lourenço, em grave perigo de vida por uma cólica renal.

D. Carmen Martins Pacheco — Ponta Delgada — Açores, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima uma graça particular que lhe fôra dispensada.

NA AMÉRICA

D. Maria de Jesus Câmara — New Bedford — América, diz o seguinte: — «Sofria de bronquite e falta de ar havia já 10 anos, por vezes mal podendo respirar. Durante todo este espaço de tempo não conseguí remédio algum que me pudesse dar a cura. Um dia tive um tal ataque de falta de ar que julguei ser então o fim da minha vida. Nessa afflictão recorri a Nossa Senhora da Fátima e bebi umas gotas da água do seu Santuário, aplicando também no peito panos embebidos na mesma água. Prometi ao

mesmo tempo, se ficasse curada, publicar a graça na «Voz da Fátima». Venho agora cumprir a minha promessa porque, graças a Nossa Senhora da Fátima, já há bastante tempo que não mais senti vestígios dos meus antigos sofrimentos.

Agradeço muito a Nossa Senhora não só esta graça como muitas outras que me têm sido alcançadas por sua intercessão maternal.

D. Maria V. Peters — América, agradece uma graça recebida por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

NA MADEIRA

D. Clara Ferreira — Rua do Til — Funchal, tendo recebido duas graças por intermédio de Nossa Senhora da Fátima, impetradas com a promessa da sua publicação, vem satisfazer o que prometera para maior glória de Nossa Senhora.

VOZ DA FÁTIMA

Despeza	
Transporte	1.992.140\$32
Franquias, emb. transp. do n.º 208	5.012\$85
Papel, composição e impressão do n.º 208 (347.280 ex.)	17.281\$43
Na Administração	144\$50
Total	2.014.579\$10

Donativos desde 15\$00

Augusto Macedo — Sá, 20\$00; Maria Castro Lopes — Fozcoã, 20\$00; P.º João Leitão — Aveiro, 20\$00; P.º Augusto Barros — Penafiel, 21\$20; Leonor Branco — América, 15\$00; António Maciel — América, 15\$00; John Souto — América, 15\$00; Adelino Oliveira — Barreira, 20\$00; António Xavier Ribeiro — Paderne, 100\$00; Maria Carolina Melo — Açores, 20\$00; Cândida Mota — Tramagal, 20\$00; Júlia R. Relvas — Pórtó, 20\$00; Maria Rita Cunha — Portuzelo, 20\$00; Laura Barbosa — S. Gens, 15\$00; Joaquina Mendonça — Campanhã, 20\$00; Francisco Dias — Montalegre, 20\$00; Condessa de Cuba, 20\$00; Lucinda Magriço — Alvalares, 15\$00; Margarida de Abreu — Penafiel, 15\$; Laura Legas — Lisboa, 15\$00; Miguel Bahia Coelho — Pórtó, 50\$00; Elmina Cruz Córte — Funchal, 50\$00; Maria Otília Amaral — Faial, 20\$00; Elzira Pimenta — Braga, 20\$00; Rosa Leite, n.º 3573, 15\$00; Albina Flores, n.º 4422, 15\$00; Octávia Marini Garcia — Calhabé, 50\$00; Luis Justiniano — Lourenço Marques, 15\$00; José A. Monteiro — Lourenço Marques, 20\$00; Maria Santana Lobo — Lourenço Marques, 20\$00; Isabel Nazaré — Lourenço Marques, 20\$00; Santana Almeida — Lourenço Marques, 15\$00; Camilo Fernandes — Lourenço Marques, 20\$00; António Fernandes — Lourenço Marques, 20\$00; Roque Fernandes — Lourenço Marques, 15\$00; Inês Pinto — Lourenço Marques, 20\$00; Sancha Monteiro — Lourenço Marques, 30\$00; João J. Melo — Lourenço Marques, 30\$00; Aquino Fernandes — Lourenço Marques, 20\$00; Joaquim Sousa — Lourenço Marques, 15\$00; Sebastião Carrasco — Lourenço Marques, 15\$00; Salvador Noronha — Lourenço Marques, 15\$00; Lourenço Fernandes — Lourenço Marques, 20\$00; Lourenço Paulo Pinto — Lourenço Marques, 30\$00; Cristalina Fernandes — Lourenço Marques, 160\$00; Angelo Tavares — Redondo, 20\$00; Dr. Egas Moniz — Celorico de Basto, 20\$00; José Almeida Cardoso — Bristol, 26\$00; Daniel Loureiro — Esmolfe, 26\$00; Fernanda Melo Lopes — Pórtó, 20\$00; Perpétua Barradas — Lisboa, 50\$00; Luís S. Ribeiro — A-dos-Francos, 20\$00; A. M. Sage — Cantão — 628\$80; Condessa de Margaride — Guimarães, 20\$00; P.º António Ferreira — Magege, 40\$00; Manuel C. Bernardino — Brasil, 15\$00; Maria Isabel Russo — Cabeço de Vide, 26\$00; Inês Macchi — Milão, 55\$55; Maria Angelina Ferreira — Lisboa, 20\$00; Ana Lúcia Castro — Lisboa, 15\$00; Ana Rosa Vieira — Pórtó, 20\$00; Olívia Brandão Bastos — Ovar, 20\$00.

— Olá, rapaz!... Bons olhos te vejamos! — gritou o Ti Brás de trás de uma parede, onde vai assoalhar os seus membros entangidos, nos dias em que o sol esperta.

O João Rôta que passava no caminho, de mãos nos bolsos e os olhos postos no chão, puxou a cabeça de entre os ombros e deu-se com o velho companheiro das suas alegres cavaqueiras.

— Vem cá que ainda aqui há uma ponta de banco para ti.

Estava aqui a ver se aparecia no jornal um anúncio achado, com os teus sinais.

— Olhem... Por quê?

— Ora... Podia acontecer muito bem que um pé de vento te tivesse levado... Há tanto tempo que não apareces!...

Mas ouve lá: disseram-me que te viam triste que não falavas, e que andavas da cama para a lareira quando estavas em casa. É o enguigo do frio que tomou posse do rapaz, pensei cá com os meus botões. Mas agora reparo que tu não tens bom «doal-ro»: Desembucha, homem!

Tu cá com o velhote não costumavas ter segredos.

— Pois eu lhe conto. Fui há dias à cidade para comprar uma fatiota, — que todos nós ficamos muito mal roupados de luto com a morte de meu pai — e entrei na loja do Ruas, de onde nós sempre gastámos. Certamente conhece o Ruas, aquele que vende ali ao mercado?!

— O Ruas? O «espírito mau»?

Ora, nem eu conheço outra coisa! Desde o tempo em que elle era um caixeiro do tamanho do metro, com o cabelo arrepiado. Não era má pessoa, em tempo. Agora, desde que se fez almocreve de espiritos com aquelas viagens ao inferno, tem a alma muito chamuscada. Estou já a ver que te quis levar também...

— Antes isso. Vá ouvindo: apenas me viu, tomou-me de parte e começou com mil rodeios a dizer que tinha uma coisa muito importante para me comunicar... Por fim, porque a freguesia já estava à espera, encurtou caminho e disse-me com um ar mais sério: o seu pai encarregou-me de lhe dizer que mude de vida se não quiser condenar-se como elle!

— Mas o meu pai?... Perguntei eu.

— Sim, o seu pai morreu há pouco e veio falar-me há dias. Reconhece que andou por mau caminho e por isso está num lugar de supplicio.

— Ora aqui tem, Tio Brás. Sai para fora e até as pedras da calçada me tremiam deante dos olhos.

— E andas tu a malucar numa patacoada dessas!

Aposto que o deixaste ir sem resposta?!

— Não, Tio Brás, ainda lhe retorqui que meu pai era muito meu amigo e que, se pudesse vir dizer-me qualquer coisa não iria ter com um estranho.

— Pois certo, homem!...

Foi uma resposta de bem. Mas eu afixo-te que mesmo com os meus setenta invernos e com este pauzito, não ficava só por aí. É uma grande malandrice andar a revolver os mortos nas suas jazidas para enganar os vivos com patranhas. A memória dos que morreram é sagrada.

— Ó Tio Brás, mas elles dizem que ouvem...

— Ouvem o quê, homem?

— A' mas do outro mundo,

— Ora!... Então tu nunca ouviste pregar a parábola do rico avarento? Também elle cá quis vir abaixo avisar os parentes do que é aquella danada frigideira do inferno e olha se Deus lho consentiu!... Quem lá entra não sai, ensinam as Sagradas Letras.

— E Deus não lho pode consentir?

— Sim mas não para isso.

As almas na outra vida estão à mercê da glória de Deus. Voltam à terra, se o Senhor o entender, para sua honra. Não havia agora mais nada do que aparecerem as almas a um assobio que lhe dessem cá de baixo esses pantomineiros.

Pois se os homens em vida não podem dobrar a vontade uns aos outros, não-de poder fazê-lo os mortais aos espiritos, sem terem ponta por onde lhe toquem?

— É capaz de ser o inimigo com quem elles falam...

— Admira-te que não seria o safardana!... Mas olha; se fôr elle, não há-de Deus consentir que elle venha sem as unhas rachadas ou o rabo de cão-tincho para se conhecer o autor dessas proesas. Almas boas é que não podem vir chamar a Deus mentiroso, o qual ensinou que a única religião verdadeira é a de Cristo e que fora da sua Igreja não há salvação.

— Nem mais. Eu também assim penso. Mas há certas coisas que bolem conosco ainda que não sejam verdade. Os sonhos também fazem sofrer a gente.

— Mas atrai fora com essa tristeza fria que até pode ser tentação do porco sujo.

E agora vou contar-te uma, engraçada, que me lembro de ter lido.

Aqui há meses noticiaram os jornais que uns chefes das chafaricas da Inglaterra tinham sabido pelo correio do outro mundo que se não faria a guerra. Daí a oito dias rebentou-lhes nas barbas essa bernarda tesa que para aí anda.

— São tudo intrujices!

— Pois claro! Havia lá algum demónio capaz de pregar uma «peta» destas?

Adeus. O sol está a arrefecer. Vou agora para o lume.

L. P.

Tiragem da «Voz da Fátima»

No mês de Janeiro

Algarve	5.196
Angro	20.152
Aveiro	6.312
Beja	3.496
Braga	85.049
Bragança	13.591
Coimbra	14.025
Évora	5.243
Funchal	15.647
Guarda	21.439
Lamego	12.505
Leiria	15.158
Lisboa	11.738
Portalegre	10.797
Pórtó	55.233
Vila Real	26.835
Viseu	9.994
Total	332.410
Estrangeiro	3.714
Diversos	11.156
Total	347.280

Para a Consagração das famílias a Nossa Senhora da Fátima

vende o Santuário da Fátima formosíssimas gravuras de Nossa Senhora a 5\$00 e mais pequenas a 2\$50 ambas em cartolina, próprias para emmoldurar.

Pedidos à Gráfica — Leiria ou ao Santuário da Fátima.

CRÓNICA FINANCEIRA

Quando em 1911 se malograra a primeira tentativa de revolução monárquica contra a demagogia triunfante, muitas famílias respeitáveis tiveram de emigrar para fugirem às perseguições que se seguiram. Uma delas, da Coimbra, foi para a Bélgica, com filhos e criados, e lá se manteve até à invasão alemã de 1914. Claro que, juntamente com filhos e criados, levaram os costumes portugueses e uma vez instalados na casa alugada, começou a sobrar-lhes comida como cá. E também como cá, esperaram que viessem os pobres à porta para lhes dar as sobras. Passados uns dias, como os pobres não aparecessem, a dona da casa perguntou a uma senhora vizinha se não haveria por ali nenhuma família pobre a quem desse os restos da comida.

A senhora vizinha, muito admirada com o dito da portuguesa, respondeu-lhe que não, que não encontraria ninguém em toda a Bélgica que lhe aceitasse os restos da comida!

O espanto agora foi da portuguesa que redarguiu: **Mas então na Bélgica não há pobres?**

— **Há, retorquiu a belga, mas todos têm que comer. Na Bélgica, no que respeito a comida, ninguém tem falta, mas também ninguém tem sobras...**

Um pouco embaraçada com a grande lição de economia doméstica que acabava de receber, a senhora portuguesa agradeceu a informação e... nunca mais teve sobras de comida na sua casa.

De quanta vantagem não seria para a economia portuguesa que esta lição tão simples e tão compreensível, entrasse na cabeça de todas as donas de casa!

A fortuna portuguesa, tão arreigada em nossos hábitos, pode manter-se sem sobras permanentes. A fortuna está no que se come e não no

que sobra. O que sobra é desperdício, é estragação.

A comida que vai para o lixo nas cidades portuguesas, sustentaria muitos milhares de famílias na roda do ano. Nas casas governadas pela criação que são a quasi totalidade hoje em dia (para vergonha da burguesia feminina!) chega a ser incrível o que se estraga até de carne e peixe! Para agravar a situação, há ainda senhoras que se julgam católicas e sabedoras da doutrina, que têm escrúpulo de dar aos pobres o que sobra da sua mesa e o mandam botar no barril do lixo!

E não julgue o leitor que isto é fantasia que é a pura realidade. Até em famílias de eclesiásticos isto sucede às vezes!...

Não, se há desgoverno e as sobras se acumulam, dêem-se, que em Portugal não falta infelizmente a quem. O contrário não é de católicos porque estragar comida é pecado grave, como pecado grave é destruir merceadorias.

E se isto é assim sempre, em tempo de guerra muito mais urgentes e necessárias se tornam as economias, principalmente dos géneros alimentícios. A guerra entre nós mal se sentiu ainda, mas é de crer que as coisas se agravem muito brevemente. A Inglaterra está-se preparando para dias difíceis. Um a um, os géneros de primeira necessidade estão sendo racionados que é a forma de obrigar a todos a ter tecto na economia doméstica. Quando a guerra se estender ao Báltico e ao Mediterrâneo, a tonelagem reservada aos usos civis ficará muito reduzida, e os géneros importados terão de rarear. Teremos então de nos governar com a prata da casa. Como esta não é muita, se a não pouparmos a tempo, quando nos despercatarmos teremos a fome à porta. Metam isto bem na cabeça os lavradores que nos lerem

Pacheco de Amorim

Vinte anos antes do casamento

Se, em ordem à sua futura missão de esposa e mãe, a rapariga deve cuidar desveladamente da saúde da alma, da formação do carácter, da tempera da vontade, deve simultaneamente tratar da saúde do corpo e do seu desenvolvimento físico. «*Mens sana in corpore sano*» é, de facto, um ideal que já os antigos procuravam atingir, tão importante é a influência do físico sobre o moral.

Se todas as raparigas pensassem ponderadamente que do seu sangue e da sua carne se hão-de formar um dia, permitindo Deus, novos seres que virão alegrar o seu lar e povoar a Pátria, e que a sua constituição física e a saúde do seu corpo influirão poderosamente na complexão desses pequeninos entes tão queridos ao seu coração, teriam, sem dúvida, mais cuidado em não malbaratar o dom precioso da saúde e renunciariam generosamente a tudo o que, embora lhes desse prazer, prejudicasse o seu desenvolvimento físico. Evitariam frequentar os cinemas onde o sangue se intoxica respirando o ar viciado do ambiente, onde tantas vezes os nervos se excitam e vibram intensamente assistindo a filmes inverosímeis, emocionantes e muitas vezes imorais e impróprios para a juventude.

Renunciariam ao prazer aliciante dos bailes em que, não falando dos perigos de ordem moral, o corpo se extenua e depauperava no rodeio fatigante das danças, na respiração do ar impuro e impregnado de poeiras, e perdendo as horas destinadas ao repouso. Não fariam das praias, como tantas vezes se faz, lugares e meios de arruinar o organismo, ora tomando banhos a horas impróprias e demasiado prolongados, mais por um desejo de exibicionismo do que de fortificar a saúde, ou na excessiva exposição ao sol condenada pela própria medicina,

ou ainda nas noitadas dos casinos.

Também a alimentação, no intuito de lisongear a gula, ou um paladar requintado, é muitas vezes prejudicial e não fornece ao organismo as energias de que necessita.

Ocorre-me oportunamente um ditado inglês que diz que os melhores meios de conservar e favorecer a saúde são: *dieta, sossego, exercício e alegria.*

DIETA: no sentido dum alimentação sã e sóbria sem excessos de guloseimas nem aperitivos excitantes que prejudicam o organismo. Alimentação sóbria sim, mas igualmente alimentação suficiente para robustecer o corpo e torná-lo capaz de suportar as fadigas dum dona de casa, os incómodos da maternidade, capaz de gerar crianças sãs e desexovalhadas. Para longe os jejuns forçados, feitos, não por penitência, mas com o fim mesquinho de estilizar o corpo, porque a moda assim o exige! Quantas se não têm arrependido bem tardiamente.

SOSSÊGO: evitar tudo o que traga aos nervos uma vibração desnecessária e doentia e procurar a calma e a paz para o nosso viver, para a nossa casa, para o nosso meio.

Preferir a tranquillidade do nosso lar ao bulício fatigante do exterior e de tanta convivência desnecessária.

EXERCÍCIO FÍSICO: quando possível fazer ginástica moderada e apropriada, não com o fim de figurar em exhibições desnecessárias mas com o intuito de fortalecer e desenvolver o corpo; procurar tonificar o sangue respirando o ar puro do campo e desanuviar o espírito contemplando a natureza; exercício ainda no trabalho e nas lides caseiras.

ALEGRIA: é um dos melhores tónicos para o bem-estar físico e moral. Cultivá-la dentro de si própria, espalhá-la à sua vol-

Um bom resultado da cheia

Conto por M. de F.

— *Pingue... pingue... pingue...*

Luísa acordou sobressaltada, deitou a mão à caixa de fósforos sob o travesseiro e acendeu a vela que iluminou débilmente o modesto aposento, deixando no entanto ver o sobrado alagado de lés a lés, não somente pela água que pingava de certo ponto do tecto mas pela que escorria em abundância sob a porta do compartimento contíguo. Num instante, estava de pé e, vestida mas descalça, dispunha-se pacientemente a enxugar o quarto que sempre no inverno, mais ou menos, lhe dava aqueles trabalhos — desde que para ali fôra viver, sôzinha, falecidos os pais e casados os irmãos.

Mas, desta vez, o caso era mais sério. A cozinha que, com o quarto, formava o todo da sua moradia e que ficava mais baixa tinha já um palmo de água e daí provinha a inundação. Além disso, lá fora e nos prédios próximos, havia ruído e movimento que indicavam algo de extraordinário. Olhou o relógio: era perto de 1 hora. Que fazer e como passar o resto da noite?... Perplexa junta as mãos num gesto de súplica... Batem à porta.

— *Quem é? pergunta ansiosa.*

— *Abra!... Depressa!... Que-re morrer afogada?...*

Luísa embrulha-se num chaille, corre a abrir e porque a água jorra da rua, em cascata, não permitindo demora alguma, lança um olhar angustiado para o que deixa após si e que constitui todo o seu haver e sai, arrastada por um vulto de casa-copuz de oleado — um polícia, talvez um bombeiro...

A noite estava clara, mas o caminho difícil pelas águas que pareciam crescer de instante a instante.

— *Subá para aqui... recolha-se aqui,* disse o homem impelindo-a para a escada exterior dum casa composta apenas de um rez-do-chão elevado. E a rapariga, encharcada e tiritando, achou-se sob um pequeno alpendre junto da porta daquela vivenda.

Que casa seria aquela? De-certo não tinha ninguém, pois não era natural que os moradores dormissem com o reboliço que ia na rua e nos prédios vizinhos. No entanto, bateu e bateu com força e repetidas vezes como quem desespera de ser ouvido e assim o supunha, quando o ruído do correr de um pequeno postigo a fez cravar os olhos na porta, avidamente.

— *Que quere?* perguntou uma voz rouca.

— *Se fizesse a caridade de me recolher... tive de abandonar a casa à cheia...*

— *Está sôzinha?...* tornou a mesma voz com desconfiança.

— *Absolutamente...*

— *Então entre...*

A porta abria-se cautelosamente, mão descarnada puxava para dentro a rapariga e um vélio embrulhado num capote voltava a fechar a porta aplicando-lhe uma grossa traca de ferro.

— *Para o inimigo que hoje nos ataca de nada valem tranças,* disse Luísa que, apesar do embaraço da situação, não pôde deixar de sorrir.

— *Mas a sua casa era muito baixa, não é assim?* Interrogou o vélio esbugalhando os olhos de assustado.

— *Nem por isso... a não ser a cozinha que já tinha um palmo de água e que agora já deve ter mais de meio metro...*

— *Mas aqui não há perigo... não é assim?...*

— *Não sei... Ouvi dizer ali fora que em certos sítios a água chega já a primeiros andares...*

O homem torceu as mãos com desespero.

— *E os nossos haveres?* disse consternado. *Não salvou nada do que possuía?*

— *Nada... Tudo ficou à conta de Deus.*

— *Está servida!... Fie-se nessas...*

— *E ho. Se depois disto me vir sem nada, ainda terei que agradecer a Deus a vida e, se não ficar com saúde para trabalhar, sempre hei-de encontrar uma alma boa que me meta no hospital... e continuarei a dar graças.*

Luísa batia os dentes com frio, talvez com febre, e o vélio, condoído e pasmado de tanta serenidade e confiança, levou-a para a cozinha onde ardia um bom lume e deu-lhe uma chicara de café.

Calavam-se ambos, concentrados, quando começaram a perceber o embate da água, já perto da janela, e o vélio levanta-se espavorido.

— *Mas se tu tivesses como eu uma fortuna a salvar... uma riqueza amealhada à custa de tanto sacrificio... Anda ver... olha que nunca a mostrei a ninguém...*

E puxava a rapariga para o quarto onde se encontravam dois cofres fortes e armários e prateleiras cheios dos mais variados objectos.

— *E hei-de deixar tuas isto?* gaguejou.

— *E não há-de deixá-lo daqui a dois dias quando a morte vier?...*

— *A morte!*

— *Sim... E nunca como hoje ela estaria tão perto de nós.*

Vamos!

— *Espera! Levemos ao menos o dinheiro e as jóias... Ajude-me!*

Luísa olhava cheia de dó o avarento que se acercara dos cofres, mas cujas mãos trémulas não atinavam com chaves nem fechaduras...

O alarido crescia lá fora e ela correu à janela e gritou:

— *Socorro!... Socorro!...*

Mas no prédio ao lado o barulho era tal que os seus gritos dificilmente seriam ouvidos. Então ajoelhou fazendo o sinal da Cruz.

— *O quê... vamos morrer?*

O vélio, lívido, desvalrado, causava pavor.

— *Salve-se a alma,* respondeu corajosamente Luísa, *que o corpo pouco importa. Não sabe rezar?*

— *Não... cuido que já não sei... E depois rezar para quê? Tudo isso são contos...*

— *Não! E a prova de que não são contos está no terror que lhe leio nos olhos. Vamos morrer: eu, com a esperança de que no Juiz que vou encontrar encontro ao mesmo tempo um Pai de misericórdia... E o sr. com a agonia de não saber com que se vai defrontar...*

Finalmente a luz na janela da vivenda que os bombeiros haviam julgado deshabitada despertou-lhes a atenção mas, porque a água decrescia já não foi necessária a saída do vélio e da rapariga. O que sucedeu foi intimarem-nos a que abrissem a porta para recolher algumas famílias que por ali se encontravam sem abrigo. E dentro em pouco a vivenda estava cheia de

FALA UM MÉDICO

XLIV

VÍCIO OU DOENÇA?

«Não furtarás» — é talvez o mais esquecido dos Mandamentos da Lei de Deus. Nos últimos tempos, vai afrouxando de tal maneira a noção do direito de propriedade, que, até na própria legislação das nações mais civilizadas, se introduziram preceitos, que brigam francamente com aquêle tradicional direito de dar o seu a seu dono.

Conforme a maior ou menor violência com que um indivíduo se apo-derrava do que não era seu, classificava-se de saltador, ladrão, gatuno, larápio, ou simples ratoneiro, e o Código penal castigava-o consoante a gravidade do delito.

Quem roubava, pouco ou muito, era punido pelas leis divinas e humanas e quasi toda a gente tinha pejo de tomar conta do que era alheio.

Pouco a pouco, foi afrouxando tal virtude, e, a cada passo, se ouve dizer: «Roubar para comer não é pecado». Mas, como o apetite vem à maneira que se vai comendo, segue-se que o que começa a furtar acaba por levar tudo quanto apanha.

O furtar é um vício que a vontade pode dominar, vício que a Sociedade castiga como delito e que Deus condena como pecado.

Em certos casos, felizmente pouco vulgares, a tendência para roubar não é vício que possa dominar-se pela vontade, mas solicitação mórbida irresistível. Essa tendência, que se mostra em algumas doenças nervosas, em pessoas irresponsáveis, tem o nome de **cléptomania**. No começo da terrível doença denominada paralisia geral, o desgraçado padecente, às escondidas e involuntariamente, deita a mão ao que encontra nas casas que vai visitar.

Inventou a medicina um palavrão semelhante para designar a tendência mórbida irresistível para abusar das bebidas alcoólicas.

Bébedas são as pessoas que têm o vício de se embriagar quando se oferece ocasião. São viciosos, que, educando a vontade, deixarão de beber de mais.

Pelo contrário, certos doentes nervosos, que se embriagam fatalmente quando os atrai a beber o seu impulso mórbido, chamam-se **dipsômanos** e não têm responsabilidade pelo seu feio acto.

Outro vício irritante é o hábito de faltar à verdade. Infelizmente é costume desculpar-se a «mentirinha que não faça mal»; e o mentiroso, animado por tal indulgência, habitua-se, e acaba por impingir um chorrilho de petas, quasi sem dar por ela.

A mentira, em geral, é um vício que pode perder-se, educando a vontade. Mas, em certos casos, as mentiras são forjadas sob a acção dum tendência patológica, denominada **mitomania**, tendência, às vezes, involuntária e inconsciente, para a criação de fábulas imaginárias.

Quantas vezes tenho ouvido, a pessoas de categoria social, saltar bandos de mentiras, que escandalizam quem as ouve.

Quantas vezes, do auditório dum discurso inflamado, oiço, em voz baixa, o comentário: «Que grandê aldrabão!»

E, logo a seguir, desculpando-o, corrige o médico entendido em doenças nervosas: «Coitado, não tem culpa: é um mitômano!»

P. L.

gente que chorava e se lamentava e Luísa multiplicava-se cuidando do lume, aquecendo os corpos e as almas, embora as provisões de bóca, muito escasas, denunciasses o carácter do dono da casa.

A certa altura, porém, o vélio passava-lhe para as mãos uma carteira bem cheia e segregava-lhe:

— *Veja se, logo de manhãzinha, pode mandar comprar pão e mais o que entender... para estes infelizes... E depois... olhe que conto consigo para... antes que chegue essa morte que já me não assusta tanto... me ajudar a fazer bom uso da minha fortuna...*